

O DESLOCAMENTO TEMPORAL DOS ARTISTAS PLÁSTICOS QUE TRABALHAM COM O FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS-AM: A MERCANTILIZAÇÃO DA MÃO DE OBRA ARTÍSTICA E SUAS REDES.

Iago Kllisman Guimarães Lopes
Suzele Costa Fonseca

Universidade do Estado do Amazonas – UEA

b-boyiago@hotmail.com

RESUMO

O objetivo do trabalho é retratar a saída periódica dos artistas da cidade de Parintins AM, analisando as relações culturais sociais e econômicas que se formam a partir do deslocamento para o trabalho em outros lugares. É possível conhecer um pouco do festival de Parintins, assim como a cultura, costumes e técnica que os artistas empregam para realizar a festa. Dialogando com as teorias, foi realizado a aplicação dos questionários e entrevistas com o objeto de estudo, assim como, identificação das trajetórias e mapeamento dos fluxos das redes e as relações socioculturais. Na perspectiva do deslocamento temporal dos artistas para o trabalho em outras festividades, observou-se que Parintins carece de trabalho para os mesmos, e com o término do período festivo do Boi-Bumbá, que tem a duração de seis meses em Parintins. Após esse período essa força de trabalho torna-se ociosa e os artistas encontram uma saída com a migração temporária. Assim, continuam trabalhando, tanto em outras regiões como também dentro do próprio Amazonas. Deste modo, a partir da saída periódica dos artistas se identificou a articulação e as relações de fluidez criadas pelas redes, bem como, a realidade que se inserem.

Palavras-chave: Deslocamento temporal, Cultura, Trabalho, Redes.

INTRODUÇÃO

Em Parintins acontece o festival folclórico dos Bois Bumbás. Esta manifestação que teve início oficialmente no dia 12 de junho de 1966, se caracteriza por ter duas agremiações folclóricas, o Boi-bumbá Caprichoso representado pela cor azul e o Boi-bumbá Garantido com a cor vermelha. Este espetáculo retrata a cultura indígena amazônica, bem como a inserção da imagem dos negros, nordestinos e caboclo-ribeirinhos.

A apresentação dos Bumbás acontece no “bumbódromo”, sempre no último final de semana do mês de junho, com duração de apresentação de duas horas e trinta minutos para cada agremiação. Nos três dias de espetáculo Parintins recebe cerca de cinquenta mil turistas, e é nesse “palco” com influência da mídia que Parintins aparece como mostruário da cultura amazônica. É importante ressaltar que com o a popularização do Boi-Bumbá, Parintins recebe benefícios, gerando

nesse período renda para a população, o que estimula o setor do comércio e os trabalhos informais, como a venda de alimentos e outros. Todavia, a concentração de capital gerada pelo festival folclórico, não se perpetua o ano todo.

Assim, alguns setores da economia de Parintins, ao término do festival reduzem suas expectativas de renda, levando muitos habitantes a procurar outros meios de estabilidade econômica, como é o caso dos artistas que tendem a migrar em busca de trabalho. Todavia, os artistas realizam mais o deslocamento, pois não fixam moradia definitiva nas cidades designadas a trabalhar, por sua vez sempre retornam a Parintins onde possuem suas famílias.

Neste sentido, a análise justifica-se por ser a tentativa de entender os fluxos de redes temporários que os movimentos migratórios que os artistas Parintinenses criam, a fim de verificar a frequência com que os artistas saem para outras regiões, bem como, se as relações que eles criam através dos serviços que os mesmos oferecem refletem nas manifestações culturais brasileiras.

IDENTIDADE CULTURAL E OS ARTISTAS PARINTINENSES

Parintins apresenta importância cultural e econômica para o Amazonas. As manifestações culturais desta terra tornam-se atrações com respectivo potencial turístico para o município, pela organização da manifestação cultural que se destaca na cidade, visto que, ao longo de sua historicidade a sua ação cultural alcançou uma visibilidade nacional.

Nessa concepção, Santos (2008) discorre, que uma cultura construída tradicionalmente dentro de um lugar que conseqüentemente se difunde para outros, se identifica como cultura endógena e se coloca como aliada para a política dos pobres, uma vez que se consolidam e não dependem das políticas particulares. Essa situação é uma forma que os excluídos obtêm para fortalecer a identidade e cultura do seu território.

Segundo Braga (2007), na análise sociocultural das pequenas cidades aparecem como patrimônio imaterial¹, onde estão inseridos o conhecimento e modo do saber das culturas locais. Na contemporaneidade a cultura ganha novas formas e passa por transformações da cultura tradicional. Nesse caso a cultura se põe como patrimônio de múltiplos, onde em seu espaço ocorrem as trocas e diálogo com outras culturas. Segundo Nogueira (2014), o que se fundamenta dentro da cultura popular é a circulação das criações artísticas difundidas a partir das experiências.

¹Corresponde aos bens culturais, sociais e imateriais que se manifestam através das práticas e modos de vida expressos nas tradições, música, festas populares entre outros.

Tudo se difunde, música, encenações teatrais, indumentária. Assim, a cultura não está presa a nada, e nem é um bem que está preso em um só lugar ou a um só indivíduo, ela pertence a um lugar, porém, se torna aberta a todos. Diante disso, a cultura torna-se direta ou indiretamente símbolo de seu lugar, muitas tendem a desaparecer ou ser substituída por outros meios culturais, mesmo assim, a simbologia e identidade cultural do lugar são produtos da cultura popular e são detentores da existência do ser humano e suas peculiaridades.

Quando se trata de Parintinenses, estes carregam consigo o talento para a arte. Neste município facilmente se encontra, mesmo que não seja um profissional, alguém que saiba pintar, esculpir, desenhar, entre outros talentos. Muitos não possuem uma formação profissional sobre elementos artísticos, porém, conseguem retratar perfeitamente noções sobre arte.

São dotados de técnicas que aperfeiçoaram ao longo do tempo, através do conhecimento empírico, entre tentativas, erros e acertos, experimentos que vão de simples pinceladas até um complexo conjunto de elementos técnicos que fogem da compreensão de outros artistas.

Eles produzem paisagens em forma de esculturas, e com isso um dos atrativos da festa são as alegorias e seus inúmeros movimentos que se assemelham aos do corpo humano, animal ou qualquer outro elemento que faça parte do contexto amazônico. Diante disso, alguns artistas são bastantes conhecidos devido à popularidade do festival folclórico. Entre muitos se destacaram, Irmão Miguel de Pascalle (já falecido) e Jair Mendes, pioneiros das técnicas artísticas Parintinenses. E, por seguinte os que levaram adiante tais técnicas, como: Amarildo Teixeira, Ito Teixeira, Vandir Santos e outros.

Esses artistas foram alguns dos pioneiros das práticas artísticas que ganharam destaque em Parintins por desempenharem esta atividade nos galpões de alegorias dos bois Bumbás. Partindo desse pressuposto, Bellan (2011, p.5) destaca que, “os ídolos idealizados na figura dos artistas são os trabalhadores responsáveis pelo trabalho intelectual, prestigiados por sua importância para a elaboração do espetáculo de Garantido e Caprichoso”. Visto que a cidade está altamente ligada com a arte, a mesma possui escolas que favorecem a “formação” dos mais jovens ao mundo artístico.

A agremiação Boi Bumbá Caprichoso, possui a “Escolinha de artes Irmão Miguel de Pascalle”, e a agremiação Boi-Bumbá Garantido a “Universidade do Folclore Paulinho Faria”, onde as duas abrem vagas para oficinas artísticas para crianças e adolescentes, afim, de fazer com que

essas crianças possuam um futuro promissor dentro das agremiações, num contexto artístico e social.

Parintins também conta, mesmo que recentemente, com o curso de nível superior de “Licenciatura em Artes Plásticas”, agora chamado de “artes visuais”, oferecido pela Universidade Federal do Amazonas UFAM.

A experiência dos artistas e os conhecimentos empíricos foram importantes para o desenvolvimento das técnicas artísticas, e combinado com as práticas contemporâneas e inserção dos conhecimentos adquiridos a partir das instituições, escolas e universidade de artes contribuem com o fortalecimento da cultura Parintinense como um todo, tornando possível o trabalho dos seus artistas. Partindo desse entendimento, a arte Parintinense se torna significativa na formação do artista para trabalharem no festival folclórico ou em outras manifestações culturais, assim como seu crescimento profissional e pessoal.

Sendo assim, a cultura de Parintins se destaca pela força e talento tanto dos grupos de artistas quanto de outros organismos culturais, em virtude de seus habitantes que incorporam o modo de viver cotidianamente. É importante destacar que os aspectos culturais e tradicionais se inserem na vida e na arte, permitindo assim, a identidade do amazonense. A figura um (01) mostra o artista Parintinense trabalhando no movimento de alegorias.

É dentro do contexto amazônico que as indumentárias e materiais para o festejo são construídos Andreas (2002) diz que, em Parintins, os materiais encontrados na região, assim como os artificiais, são montados a uma estrutura de ferro e são moldadas as alegorias, em que suas aparições não duram muito na arena, porém se fazem necessárias para o andamento no festival folclórico e ao término das apresentações algumas são desmontadas para serem reaproveitadas no ano seguinte e outras simplesmente são mandadas para o lixo.



FIGURA 01: Artista trabalhando na confecção de alegorias.
FONTE: Iago Killisman Guimarães 2015.

Segundo Belan (2011) indivíduos, que são caracterizados como os artistas de ponta² são considerados como os idealizadores responsáveis por criar intelectualmente os espetáculos. Contudo, os trabalhadores (soldadores, escultores, pintores, aderecistas) responsáveis por concretizar o espetáculo são tratados como simples artesões.

DA ECONOMIA: O TRABALHO COMO MERCADORIA

Em determinados períodos esses artistas se deslocam temporariamente para o trabalho fora de Parintins, alimentando o mercado cultural e artístico. Nesta perspectiva o homem se torna um “objeto” de trabalho, onde o trabalho artístico se transforma em mercadoria, ou seja, negócio, e seus meios de comércio são alcançados através de um sistema de exploração de bens e serviços culturais gerando uma indústria cultural.

Haver (2005) discorre que no modo de produção capitalista procuram-se criar novos espaços para a acumulação de capital, onde o dinheiro possui caráter desagregador e atrai as formas de

²Artistas de ponta: Corresponde aos artistas que coordenam uma equipe, onde há uma divisão do trabalho.

organização e produção. Com isso o capitalismo adentra até mesmo na cultura para lucrar com esse atributo.

O mercado que se estabelece para atender as exigências das pessoas enquanto consumidoras, com as trocas de mercadorias, bens culturais, relações entre quem produz e quem consome. Contudo, a acumulação capitalista está diretamente intrincada na dinâmica das pessoas, uma vez que o acúmulo do capital cresce a medida da precisão pela força de trabalho.

Viana (2006) destaca que, a população excedente se constitui pela força de trabalho dos que não possuem vínculo de trabalho formalmente pelo Estado, o que Marx titula de superpopulação relativa. “Ela constitui um exército industrial de reserva disponível que pertence ao capital de maneira absoluta como se ele tivesse criado a própria custa” MAX, 1988 *apud* Viana, (2006, p.1015).

Esse exército industrial de reserva tem como finalidade garantir força de trabalho ao capitalismo durante todo um ciclo industrial. E com o acúmulo e a expansão do capital, conseqüentemente o proletariado é “forçado” a trabalhar mais e ganhar salários baixos. Para existir essa força de trabalho basta haver os desempregados. O uso dos mesmos para o trabalho cria uma fila de espera. Neste sentido, eles esperam pela a absolvição do mercado de trabalho.

Esses aspectos são decorrentes da existência de dois circuitos econômicos que, segundo Corrêa (1997), são decorrentes do mesmo conjunto de causas, onde os dois encontram-se ligados um ao outro. Ao que tudo indica os dois mantem relação de dependência onde se tem a presença da classe média que se utiliza do circuito inferior o que impede seu rompimento com o mesmo.

O circuito superior é formado por bancos, transporte, indústrias e comércio voltado para importação e exportação. Seu núcleo concentra as classes altas e médias acentuadas no campo urbano e rural. Por outro lado, o circuito inferior é formado por atividades que possuem um curto alcance espacial de bens, produtos e serviços e atende as classes mais pobres.

Na lógica do capitalismo a arte também possui valor para ser explorado. As habilidades, soldar, esculpir, pistolar (pintar), e decorar, não são, contudo funções que se confortam apenas em habilidades braçais, mas também no profissionalismo que torna cada vez mais superior o intelectual do artista.

No decorrer da pesquisa, evidenciou-se a apropriação do objeto de estudo, visto que, os artistas se encaixam em uma mão de obra que em determinado período se encontra ociosa. Na maioria dos casos, estes indivíduos se encontram marginalizados, pois, o Estado não se mostra de

caráter representativo para esses, assim, não possuem benefícios que outros empregos possuem na forma legal.

Por Parintins não oferecer emprego durante o ano todo, os artistas sentem-se “obrigados” a migrar e com isso, o deslocamento torna-se eminente. Em sua maioria quando viajam a trabalho, o fazem avulso, e não possuem garantias de quaisquer benefícios, dentre eles o direito de trabalhar com a carteira assinada.

Neste ramo não há garantias, os contratos dos artistas acontecem verbalmente. Assim, a garantia do contrato ser cumprido depende do empregador, de honrar o compromisso ou não.

E neste sentido, percebe-se que pela falta de trabalho em Parintins os artistas buscam outros lugares para conseguir renda, visto que, os empregos se concentram mais na capital, Manaus, onde os empregos estão mais disponíveis pela concentração das empresas, indústrias e comércio.

RELAÇÕES, FLUXOS E FIXOS: A REDE DE TRABALHO PRODUZIDA PELOS ARTISTAS PARINTINENSES

Considerando que há saída dos artistas para outras manifestações culturais para fora de Parintins, há criação de um fluxo migração de redes, pois a técnica que os artistas possuem assume um positivo para Parintins.

Quanto à migração não podemos defini-la como o simples fato do deslocamento físico. Ela se torna muito mais complexa, podendo incorporar os vínculos econômicos e sociais entre os grupos migrantes. Contudo, a identidade dos migrantes se torna responsável pela força do grupo em manter a composição de seus territórios e valores fora do seu lugar de origem. Assim, o migrante encontra na fluidez das redes uma forma de se reterritorializar se adaptando aos fluxos das mesmas.

As redes têm sido trabalhadas a medida dos interesses a serem alcançados. Neste sentido, as redes se configuram como um conjunto de “linhas” que interligam os lugares, em virtude do avanço do capital do crescimento social, assim como dos bens, informações e pessoas.

A partir das redes encontramos dinâmica nos padrões espaciais. Assim com as relações do “vai e vem” se destacam as dinâmicas das redes. São criados os fluxos, principalmente a partir da revolução industrial, onde o avanço do capitalismo deu êxito para suas criações. Assim, encontram-se calcados principalmente na formação de novos centros urbanos, no comércio e no transporte. Partindo deste princípio, se faz necessária dentro desta mesma configuração, a criação dos fixos, de

onde as transições sejam realizadas. Assim tais transições dão fluidez à mercadoria ao capital às informações e às pessoas entre outros.

Contextualizando, durante os doze meses do ano esses artistas cumprem uma espécie de agenda trabalhando, alternando em diferentes cidades e em diferentes períodos. Tais movimentos também servem para que a imagem de Parintins e do trabalho dos artistas ganhe respaldo nacionalmente. A esse respeito, menciona-se haver:

[...] inúmeros exemplos de pequenas cidades que se especializaram produtivamente, reinserindo-se de modo singular na rede urbana globalizada por intermédio de atividades que lhes fornecem identidade funcional, afirmando, em outra escala, o seu caráter de lugar (CORRÊA, 2006, p. 268).

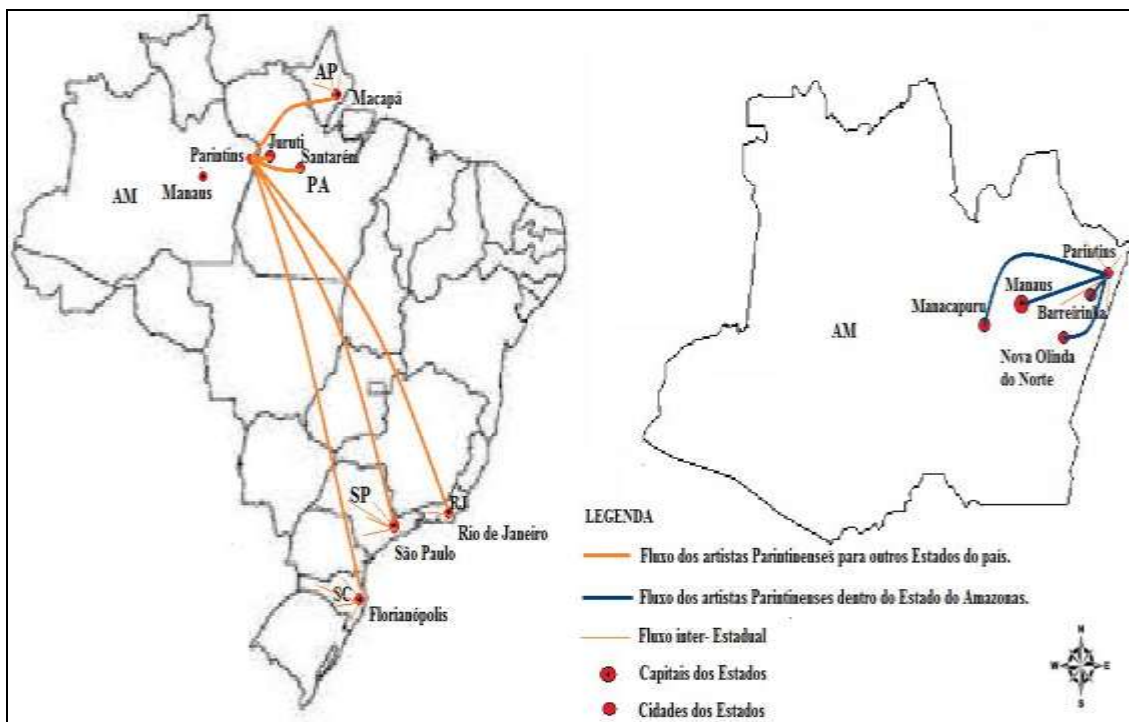
Parintins torna-se um polo exportador de mão de obra cultural, a partir do movimento dos artistas que gera um uma rede urbana articulada por intermédios da mão da obra dos Parintinenses. As atividades que tais artistas exercem, traduz a autenticidade da técnica, que é fruto do desenvolvimento da função que os mesmos criaram e que dá a Parintins um caráter único por essa atividade.

As redes criadas também possuem caráter de relações pessoais que os artistas vivem. Muitos incorporam as maneiras e aculturam-se em outros lugares do Brasil. Assim como levar os costumes de Parintins para outros lugares, também é importante o intercâmbio de informações de culturas diferentes. Esse fluxo fortalece as boas relações com outros Estados e há relatos de Parintinenses que através das viagens adotaram outros lugares para se viver.

Partindo deste ponto, Nogueira (2014) discorre que pelo processo histórico a arte não perde suas relações com seus lugares tradicionais, mas que acontece uma dinâmica que enriquece ainda mais a cultura ao manter o diálogo com outras formas artísticas ou culturais. Nessa função, os artistas atendem a várias manifestações culturais no amazonas e outros Estados.

Quanto aos fluxos criados pelos artistas, estes possuem um caráter simbólico e cultural que adentram em outras manifestações. As relações que os artistas criam com outros indivíduos para onde se deslocam ultrapassam as simples afinidades que os mesmos possuem, contento em si uma prática bastante articulada, seja nos aspectos sócio culturais, econômicos e espaciais, (croquis 01).

Fluxo do deslocamento temporário dos artistas Parintinenses para dentro e fora do Amazonas



CROQUIS 01: Fluxos migratórios dos artistas de Parintins.

ORG: Iago Kllisman Guimarães Lopes, 2015.

O croquis mostra o fluxo migratório temporário dos artistas da cidade de Parintins para outros Estados do Brasil, bem como a existência da migração pendular face a proximidade entre cidades que também possuem manifestações culturais. Segundo alguns artistas, o deslocamento para as cidades do interior na região sudeste torna-se vantajoso. Nelas, os trabalhos se encontram em pequena proporção e os valores monetários dos mesmos são melhores. Neste sentido, os artistas, em muitos casos, conciliam o trabalho principal com os rápidos deslocamentos para as pequenas cidades.

O deslocamento dentro do Amazonas também se põe de maneira significativa. Diferente do deslocamento para a parte sudeste do país, onde acontecem os deslocamentos pendulares para cidades próximas, no Amazonas se torna difícil, ou inexistente, pois os acessos de uma cidade para outra em maioria se faz através dos rios. Assim, quando viajam no próprio Estado se fixam na cidade destinada a trabalhar, concentrando o trabalho naquela localidade. Enquanto no sudeste/sul, eles se descentralizam para as cidades do entorno do seu trabalho principal, em virtude da facilidade dos acessos pelas ruas e estradas que ligam uma a outra.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização do trabalho utilizou-se os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento de livros, artigos que contribuíssem teoricamente para a pesquisa.

Ao término do festival de Bumbás em Parintins cerca de trezentos (300) artistas migram temporariamente.

Com uma amostra de cem (100) artistas escolhidos aleatoriamente, foram aplicados questionários contendo perguntas abertas e fechadas.

Realizou-se a entrevista oral e aberta, tendo em vista as experiências de viagens a trabalho para outros lugares.

Com a pesquisa pode-se identificar as trajetórias que os artistas fazem durante determinados períodos do ano. Essa identificação se fez no intuito de mapear o fluxo das redes urbanas que são criadas pelos deslocamentos temporais.

Com base nos questionários, pode-se evidenciar os fatores que ocasionam a saída dos artistas para outras cidades do Amazonas e do Brasil. Assim, com a coleta de dados se organizou o croquis, com a trajetória que os artistas realizam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das questões propostas e da análise dos resultados pode-se concluir que os artistas, em sua maioria, migram porque precisam, pois seu lugar de origem não atende suas necessidades quanto ao mercado de trabalho. Na pesquisa evidenciou-se que ao se deslocarem para o trabalho estão expostos a muitos riscos: eles não possuem benefícios trabalhistas, que para o capitalismo são visados como uma mão de obra a postos em qualquer momento para este modo de produção. Tal análise indica que este público está inserido no circuito inferior da economia. Percebe-se também que Parintins como polo exportador de artistas para outros lugares do Brasil possui diversas contradições que forçam a procura de trabalho. A mesma não obtém meios para segurar os artistas na cidade, e as agremiações que ali se encontram constantemente passam por crises internas, o que afeta diretamente os seus funcionários. Os que conseguem se sustentar fora do período em que ocorre o festival tem a opção de ficar na cidade, porém, os que não possuem, tendem a procurar outras oportunidades.

Fora de Parintins, essas pessoas se submetem em muitos casos a situações que vão de más condições de moradia, alimentação e estruturas oferecidas dentro do trabalho até conflitos sociais gerados no lugar de tarefas, como a violência. Ao analisar os dados verificou-se que muitos artistas passam mais tempo viajando a trabalho e passam por um longo período longe de suas famílias, o que gera uma ausência no espaço familiar, pois não há tanta participação dessas pessoas, por exemplo, no acompanhamento do crescimento dos filhos.

Esta ação de migrar possui um valor real para a cidade de Parintins que cada vez mais se torna conhecida e absorve os benefícios que as migrações criam como o lado econômico que é destinado às famílias e conseqüentemente para Parintins, uma parcela do reconhecimento da cidade se dá por parte da ação destes artistas e seus trabalhos. Esses movimentos fortalecem o elo entre os meios culturais, pois são compartilhados e incorporados a medida das migrações.

Mais do que trabalhar com arte, os artistas trabalham com vidas, carnaval, Boi Bumbá ou qualquer outra festa, exige dos artistas a perfeição. Nesses espetáculos não existe ensaios para garantir que não haja nenhum erro, sem dúvida se torna uma responsabilidade imensa, fazer com que no dia da apresentação os brincantes participem sem que nenhum se machuque.

REFERÊNCIAS

ANDREAS, Valentin. **Parintins**: brincando com arte. Somanlu, v. 2, número especial, 2002.

BELLAN, Carnevskis Claudia. **O ensino de arte para além do boi-bumbá**: desmistificando a função da arte no município de Parintins – AM. Disponível em: <http://www.5ebem.ufsc.br/trabalhos/eixo_08/e08a_t007.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2014.

BRAGA, Gil Sérgio Ivan. **Festas Religiosas e Populares da Amazônia**: Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades. Outubro, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Estudos sobre a rede urbana**. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
_____. **Trajatórias Geográficas**. - Rio De Janeiro; Bertrand Brasil, 1997.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. - São Paulo: Anna Blume, 2005.



NOGUEIRA, Wilson. **Boi-bumbá- Imaginário e espetáculo na Amazônia.** - Manaus: Editora Valer, 2014.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: Do Pensamento único a consciência universal.** 16. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

VIANA, Nildo. **Fragmentos de cultura.** Goiânia. v.16, n. 11/12, p 1009-1023. Nov./dez.2006.

